



## 2 Insuportável Perturbação ou Brilho Salvador?

Da mesma forma que a invenção da imprensa em meados do século XV modificou a sociedade e a história, o rápido desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, ao longo do século XX, está alterando a forma como vivemos e a forma como as crianças aprendem a passar seu tempo (RIO GRANDE DO SUL, *op cit*).

A televisão foi inventada em finais da década dos 20, mas não foi produzida e distribuída massivamente até o final da Segunda Guerra. Entretanto, em finais da década de 30 seu impacto potencial sobre a cultura foi compreendido por um atento observador chamado E. B. White, que em 1938 escreveu:

*Acredito que a televisão será o teste do mundo moderno e que nesta nova oportunidade de ver além de nosso campo de visão descobriremos ou uma nova e insuportável perturbação da paz geral ou um brilho salvador no céu. Permaneceremos ou cairemos por causa da televisão.*

Assim White anteviu o enorme impacto que a televisão causaria sobre a cultura e a sociedade (*ibidem*).

O interesse da televisão não só é comercial como também ideológico e político, poderia se afirmar que exerce um controle social (CHAZARRA e GARCIA, 1998). Como objeto e modelo a televisão pertence à cultura dominante, fornecendo pseudo-universos com multi-significados para consumo e satisfação individual, que são refúgios atraentes de realização e de prazer contrastante com a realidade insatisfatória (FUSARI, 1985 p. 62).

A televisão cria nas pessoas uma falsa necessidade de precisar de algo. Estimula o consumo de forma que as pessoas, adultos e principalmente crianças, busquem satisfazer seus desejos. Os fortes apelos publicitários, em todos os horários de programação reforçam tudo o que foi passado durante os programas. A publicidade veiculada estimula desejos insatisfeitos gerando frustrações e ressentimentos que podem acarretar comportamentos agressivos.

Com tudo isso, as condições de recepção da mensagem televisiva estão vinculadas às características do receptor como são: baixa escolaridade, baixa renda e sua restrita visão do mundo. A mensagem da televisão não é engolida tal qual é transmitida. Há um universo que determina em cada lar, o modo como é assistida, como é interpretada e como seu discurso será reelaborado pelo telespectador (*ibidem*, p. 131).

Atualmente, muitas crianças possuem um aparelho de televisão no seu próprio quarto, o qual, como um professor particular pode servir para os melhores ou piores propósitos. A televisão funciona como uma escola paralela freqüentada pela quase totalidade das crianças (RIO GRANDE DO SUL, 1998). Muitas vezes ela representa a única escolha para aqueles milhões de crianças não escolarizadas (WILLIS e STRASBURGER, 1999, p.67).

A cada momento mais crianças assistem à programação adulta da televisão junto com a programação televisiva infantil, na maioria dos casos sem qualquer controle ou participação efetiva dos pais, os quais, se presentes constituem consumidores televisivos desinformados, deseducados e desatualizados com falta de critérios educacionais respeito à infância (FUSARI, *op cit*, p. 131).

Destaca-se que o espaço televisivo infantil é ocupado por uma maioria de programas enlatados de países estrangeiros com um conteúdo cultural fora da realidade, influenciando a infância brasileira em plena aprendizagem das relações sociais<sup>1</sup> (*ibidem*).

Contudo, não se pode esquecer que a televisão não tem uma finalidade moral se não instrumental e que seus efeitos positivos ou negativos dependerão do uso que se faça dela. O conteúdo da televisão pode constituir um espaço de valores culturais que reforçam qualidades como solidariedade, cooperação e comunicação (ROIG, 1997, p. 62).

<sup>1</sup> O programa Vila Sésamo foi criticado na América Latina por ser uma produção norte-americana que transmitia valores de uma determinada ideologia. (ROIG, 1997, p. 69).

### 3 Televisão como Necessidade Básica

Assistir à televisão constitui a atividade primeira da criança. Eles gastam mais tempo assistindo televisão que fazendo qualquer outra coisa. O total de tempo dedicado a esse meio de comunicação é as vezes tão elevado que aparentemente fica pouco tempo para comer, ir à escola ou dormir (BRAZELTON, 1995, p. 464).

Poderia se dizer que existe um fator situacional externo predominante: “a criança vê televisão porque lhe é imposta pelo meio”, não tem escolha. Em muitos casos a televisão constitui a única companhia para a criança pelo qual é chamada de “babá eletrônica” (FUSARI, p. 132).

No Brasil, as altas taxas de frequência e a grande sedução exercida pela telinha sobre as crianças fazem da televisão uma instituição de socialização com extrema importância, principalmente nas camadas menos favorecidas da população, que não têm acesso a outros bens culturais ou meio de lazer.

Desta forma, se poderia afirmar que existe uma correlação inversa entre o *status* sócio-econômico e o tempo de permanência frente ao televisor: quanto mais baixa a renda familiar maior o tempo gasto pelas crianças assistindo televisão, destacando a incapacidade das famílias para pagar outras atividades alternativas. Além disso, as crianças pobres algumas vezes vivem em locais com vizinhanças inseguras, onde não é aconselhável brincar na rua. Muitas dessas crianças voltam para casa após a escola e trancam a porta. A atividade preferida por muitas, nessa situação, é passar o tempo assistindo televisão. Essa talvez seja a população infantil mais vulnerável e sugestível (RIO GRANDE DO SUL; WILLIS e STRASBURGER, p. 68).

### 4 O “Bem” luta contra o “Mal”

Uma das visões que na atualidade não pode se esquecer é o impacto dos processos de comunicação, mais precisamente a incomunicação crescente das relações interpessoais. Poderia se considerar que a violência atual é resultante de dois elementos

característicos de nosso tempo: a incomunicação e a frustração (CHAZARRA e GARCIA, 1998).

Existem diferentes noções do que seja violência. O que cada sociedade entende como violência varia de sociedade para sociedade ou até mesmo de grupo para grupo dentro de uma mesma sociedade.

É necessário observar que existem várias formas de violência e nem sempre a violência explícita é a forma mais perversa, destacando-se neste ponto a violência simbólica (RIO GRANDE DO SUL, 1998).

Outra forma de violência que vem surgindo veiculada na mídia é a narrativa e a ficcional presente em desenhos animados, filmes e vídeo-jogos. Neste ponto a violência aparece como o único meio de “defender o bem sempre ameaçado pelas forças do mal”, onde os heróis aparecem *lutando* pelas causas nobres, tornando aceitável e simpática toda agressividade presente, legitimando desta forma qualquer ato violento (BELLONI, 1998).

A violência na televisão pode ser definida como uma representação aberta do uso da força física ou de ameaça fidedigna de tal força, tendo a intenção de causar danos físicos a seres ou grupos de seres vivos sem deixar ao lado a violência simbólica, narrativa e ficcional descritas anteriormente (WILLIS e STRASBURGER, p. 67).

Assim, quando se fala de violência na televisão deve-se ter presentes dois aspectos importantes: “violência real” como um reflexo do meio social que se define através dos noticiários e “violência fictícia” ou representada que chega ao público através de quase toda a programação.

A elaborada linguagem cinematográfica constitui-se numa poderosa “arma” que pode ser empregada de tal modo num filme que pode não parecer fictícia para quem o assiste, chegando a adquirir na televisão uma força desproporcional de impacto, fazendo que o telespectador tome por real o fictício.

Embora uma pequena porcentagem de programas de televisão seja produzida com objetivos educacionais, essa não é a realidade da grande maioria. O principal objetivo é gerar

lucros captando a atenção do público, os produtores da televisão tentam incitar emoções fortes nos telespectadores mais vulneráveis: as crianças. Certas coisas provocam isso mais eficazmente, no topo da lista está a violência a qual resulta altamente eficiente para provocar uma resposta já que é universalmente compreendida e valorizada, cruza fronteiras geográficas e culturais e representa uma vantagem para ampliar ao máximo o mercado de um programa (RIO GRANDE DO SUL, 1998; BARROS, 1998).

Desde os primeiros desenhos animados de Disney até os musculosos heróis como Rambo, perpetua-se uma pseudo luta travada entre o *bem* e o *mal*. Uma luta maniqueísta que justifica a ação violenta do herói como o único meio para defender o *bem* ameaçado pelas forças do *mal*. Nesse caso a violência é considerada como legítima em favor de causas nobres, se propaga a idéia de que a violência é normal e compensa em todo o mundo.

O Japão atualmente é o país líder na matéria. No começo dos anos 80 a distribuição de *cartoons* japoneses no mercado internacional despertou as primeiras controvérsias. Desenhos animados como o popular Mazinger passaram a ser a expressão mais violenta deste gênero, até então governado por Disney.

Com o propósito de vencer a igualdade no mercado de entretenimento a indústria do Japão idealizou uma série de desenhos com traço violento onde as linhas curvas de Disney eram substituídas por figuras geométricas de formas agressivas. Mais recentemente se destaca o poder de empatia de heróis como os Pokémon.<sup>2</sup>

Segundo pesquisa realizada no Brasil<sup>3</sup> sobre a violência na mídia, se destaca a veiculação excessiva de programas violentos que incluem desde novelas, filmes, desenhos

animados, até noticiários sensacionalistas como Cidade Alerta.

## 5 Televisão gera Violência?

Ainda que o impacto da televisão violenta sobre as crianças tenha vindo pela primeira vez à tona como um ponto de debate na década de 50, só recentemente ele foi aceito como uma verdadeira questão de saúde pública.

Até o momento, muitas investigações atestam a relação entre exposição à violência na televisão e o aumento da probabilidade do comportamento agressivo.

Na década de 70 se efetuou uma investigação numa cidade do Canadá, que examinou uma comunidade dois anos antes e depois da introdução da televisão. Os resultados mostraram que as crianças se tornaram mais violentas e menos criativas em suas brincadeiras em comparação com outras comunidades que já tinham televisão (WILLIS e STRASBURGER, p. 64).

Em 1988, se realizou no Brasil a pesquisa de opinião pública sobre padrões de controle de assistência de televisão, vídeo e cinema por crianças e adolescentes. O principal enfoque dado foi sobre a presença de cenas violentas na televisão. Neste sentido, se identificou como preocupação central do público adulto pesquisado o efeito que esse tipo de cena poderia gerar em seus filhos.

Embora nem todos estes estudos sejam da mesma qualidade, a própria magnitude de consistência das conclusões impressionam: há evidências esmagadoras de que o entretenimento violento é um fator causal na promoção de atitudes e comportamento agressivos. A influência da televisão é compreensível quando se leva em conta como é que as crianças aprendem.

Elas se baseiam nos modelos para aprender a agir no mundo através da observação, da imitação e das interações por tentativa e erro (RIO GRANDE DO SUL).

Diferentemente dos adultos, as crianças em sua maior parte dependem deles e o seu bem-estar físico, mental e emocional é sustentado pelo modelo proporcionado por aqueles (EDARI e McMANUS, 1998, p. 33).

<sup>1</sup> Em 1997 as crianças japonesas se viam afetadas por algumas imagens deste desenho animado causando-lhes fotoepilepsia devido à seqüência de luzes nas descargas de Pikachu (personagem principal).

<sup>2</sup> Pesquisa de opinião pública, padrões de controle de assistência de televisão, vídeo e cinema por crianças e adolescentes, realizada por encomenda do Ministério da Justiça e UNESCO / IBOPE, junho de 1997.

## 6 Cultura da Violência

Como resultado da repetição da violência na televisão existe um decréscimo na sensibilidade emocional da criança ante a violência. Não apenas ocorre um decréscimo na reação à violência, mas também há uma falta de solidariedade para com as vítimas dos ataques (ALCÂNTARA, 1996; RIO GARNDE DO SUL).

Também existe como consequência um incremento na agressão e a capacidade de ser violento ou agressivo com outros. As crianças mostram maior agressividade em suas brincadeiras e preferem a agressão como resposta a situações conflitivas.

Albert Bandura, junto com outros cientistas, tem demonstrado que a observação de cenas violentas aumenta a probabilidade de que a criança tenha um comportamento agressivo no período imediatamente posterior ao programa de televisão (BRAZELTON, 1995, p. 465). A imitação do comportamento violento aumenta devido a que a violência é glamurizada ou mostrada como eficaz. A televisão ensina às crianças que a violência é justificada e recompensada.

Desta forma, com a ênfase da mídia sobre a violência, o mundo parece um lugar atemorizante para o pequeno telespectador impressionável, com incapacidade para diferenciar a fantasia da realidade, levando-o a depressão emocional e sentimentos de medo. As crianças amedrontadas podem estar mais sujeitas a se tornarem vítimas ou agressores (EDARI e McMANUS, p. 29).

Além de tudo, tem que se destacar os programas que apresentam violência real; o crescimento recente da popularidade destes tipos de programas é uma fonte de preocupação. Os retratos nítidos ou sensacionalistas da violência nos noticiários podem produzir reações ainda mais violentas tanto quanto os programas de crimes fictícios.

Por último, talvez o efeito mais prejudicial do entretenimento violento voltado às crianças seja a criação e a sustentação de uma cultura do desrespeito. O comportamento violento constitui o ato máximo do desrespeito. Elas estão desrespeitando umas às outras empurrando,

puxando, batendo e chutando com frequência crescente.

## 7 Considerações Finais

A mídia desempenha na sociedade uma função central durante o desenvolvimento da socialização das crianças, através da transmissão social das representações e valores da sociedade.

Na época atual, a leitura e a interpretação do mundo realizada pelas crianças, mostra-se como sendo feita não mais apenas através da família e de escola, mas, também, através do ambiente urbanizado de habitação e de vida, dos grupos de mesma idade e da “mídia” que estão presentes em suas horas livres, em suas ações e brincadeiras quotidianas.

Assim, se evidencia a importância que a televisão tem na vida das crianças – e das pessoas em geral –, além da sua posição como formadora de opiniões. Sobressai a forma acrítica com que a maioria dos adultos assistem aos programas sem oferecer nenhuma orientação ao “pequeno telespectador”; se destaca aqui o papel dos genitores e educadores, principalmente.

É necessário que haja uma seleção do que a criança vê na televisão, é função de pais e educadores orientar e esclarecer sobre o que a criança está assistindo. Este papel, é por vezes bastante difícil, uma vez que grande parte da população brasileira tem uma média de escolarização muito baixa. Além disso os educadores, assim como os pais, estão desinformados e desatualizados a respeito do conteúdo de programas televisivos o que leva ao favorecimento de desinformadas e acríticas práticas consumidoras televisivas, interferindo nas relações sociais entre educadores e crianças.

Conclui-se que a formação do pequeno telespectador está diretamente relacionada com a educação do telespectador adulto, o que representa um desafio educacional.

## 8 Referências Bibliográficas

- [1] ALCÂNTARA, E. Mal exemplo na telinha. Revista *Veja*, São Paulo, 14 de fevereiro de 1996. p. 88.

- [2]BARROS, S. Influência das mídias sobre as crianças. Criança@.web. 1998. Disponível em: URL: [www.cac.ufpe.br/labvirt/amostra/crianca/links.htm](http://www.cac.ufpe.br/labvirt/amostra/crianca/links.htm). Acesso em 12 de out. 1999.
- [3]BELLONI, M. Formação do telespectador: missão urgente da escola. Criança@.web. 1998. Disponível em URL: [www.cac.ufpe.br/labvirt/amostra/crianca/links.htm](http://www.cac.ufpe.br/labvirt/amostra/crianca/links.htm). Acesso em 12 de out. 1999.
- [4]BERLO, D. El proceso de la comunicación: introducción a la teoría y la práctica. Buenos Aires: Editorial El Ateneo, 1977.
- [5]BRAZELTON, B. Su hijo: momentos claves en su desarrollo desde el periodo Norte. Rio de Janeiro: Interlivros, v.2, p. 29-42, mar./abr. 1999.
- [8]FUSARI, M. O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- [9]KENSKI, V. M. Educando o telespectador: criança e adulto. In: Anais do Seminário Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia, 1995. Niterói : UFF/Faculdade de Educação, 1996. p. 110-119.
- [10]McLUHAN, M. El medio es el masaje: un inventario de efectos. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1969.
- [11]REGO, T. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- [12]RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da Justiça e da Segurança. Comitê de estudos da violência: Impacto sobre a criança e o adolescente. Porto Alegre, 1998. Disponível em URL: [www.hcpa.ufrgs.br/psiq/viovalo.html](http://www.hcpa.ufrgs.br/psiq/viovalo.html). [capturado em 28 de set. 1999].
- [13]ROIG, H. Uma análise comunicacional da televisão na escola. In: LITWIN, Edith (org). Tecnologia Educacional: política, história e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- [14]VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- [15]WILLIS, E., STRASBURGER, V. Violência na mídia. In: HENNES, H., CALHOU, A. (Red.). Clínicas Pediátricas da América do Norte. Rio de Janeiro: Interlivros, v.2. p. 57-71. 1999.